

EXPERIÊNCIA DO DIÁLOGO SOCRÁTICO COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE UMA ÉTICA EM UM CONTEXTO DE MODERNIDADE LÍQUIDA

Enoque Luz dos Santos¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Carla Eloá de Oliveira Ferraz²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de apresentar um relato de experiência denominado “Ironia do Diálogo Psicológico”, IDP, como possibilidade de resolução para alguns conflitos da modernidade líquida. Esse projeto tem caráter inovador, mesmo sendo inspirado nas práticas de Sócrates em Atenas (370-399 a. C.), pois parte da compreensão do momento histórico em que vivemos, é também elencado nos textos de Zygmunt Bauman (1925-2017), o pensador da modernidade líquida. Alguns dos conflitos apresentados por Bauman é o tempo dedicado às redes sociais, a perda da sensibilidade e a crise nos relacionamentos. Inspirado em um artigo de Bauman “A arte do diálogo é a nossa revolução” (2017), esse artigo apresenta a proposta e a importância de desenvolver habilidades sociais e técnicas de persuasão capaz possibilitar encontros mais significativos com o outro. Bauman (2004) afirma que as relações estabelecidas entre as pessoas se transformam de maneira muito rápida, efêmera e imprevisível, como a água. Nesse contexto, as relações afetivas se dão por meio de laços momentâneos e volúveis e se tornam superficiais e pouco seguras. No lugar do contato próximo e pessoal privilegiam-se relacionamentos que podem ser desfeitos com facilidade. Livros populares de autores contemporâneos como Leandro Karnal, traz a mesma discussão, o que mostra a pertinência da proposta desse artigo.

Palavras-chave: Diálogo; Encontro Significativo; Modernidade Líquida.

Introdução

Zygmunt Bauman (2001) conceituou a pós-modernidade de modernidade líquida, que se caracteriza dentre outros fatores pela insensibilidade, a disfunção de alguns órgãos dos sentidos que se apresentam incapazes de perceber estímulos que em condições “normais”

¹ Graduando do sétimo semestre do curso de bacharelado em psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Campus de Vitória da Conquista – Brasil; E-mail: enoquesantos0310@gmail.com

² Mestra em Enfermagem e saúde pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Campus de Vitória da Conquista – Brasil; E-mail: caueloa@yahoo.com.br

evocariam imagens, sons ou outras impressões. Deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa e evitamos nos relacionar de forma mais íntima. Diante desta realidade, vista por Donskis, coautor de Bauman (2014), como um mal invisível, pois deixamos de perceber o outro em sua complexidade que o constituem como ser. Esse abandono, segundo Karnal (2018) tem como consequência a solidão. Vista como um dos grandes problemas da atualidade.

A expressão IDP foi inspirada no conceito “Ironia Socrática” que caracterizava os diálogos de Sócrates (370-399 a. C.) pelas ruas e praças de Atenas, “Sócrates fingia-se alheio ao tema da conversa – ou aparentava uma ignorância que não tinha. Chamamos a isso ‘ironia socrática’” (Jostein Gaarder, 2012, p. 80). Sócrates não procurava impor seus ensinamentos às pessoas. Ele dialogava. A IDP inspira-se no método socrático, consistindo em conversas abertas com o objetivo de estabelecer um diálogo que poderia permitir um processo de reflexão, um encontro com o outro, uma conexão sensível com estas pessoas, conexão que também poderia viabilizar a estas um contato sensível consigo mesmas e com o mundo. Se partirmos do princípio que o diálogo tem em si a chance de encontrar soluções mais sensatas para os conflitos da modernidade, a solidão, por exemplo, percebe-se a importância enfatizar a importância da cultura do diálogo nas instituições.

Mudanças sociais e a crise nos relacionamentos

O mundo mudou definitivamente, a única certeza estável é a incrível velocidade com que o mundo muda. Na década de 90 o polígrafo Luiz Wanderley Torres em seu livro “Nordeste Pitoresco e Engraçado” (1984), registrou uma coletânea de observações das mais interessantes, feitas pelo próprio autor que tudo viu do que narra. O livro é constituído por capítulos que retratam o cotidiano das pessoas numa época em que o sertão era um tanto bárbaro, mas muito folclórico. O autor manteve com legítima autenticidade os aspectos da vida das pessoas dessa região do Brasil e com espontaneidade registrou até o linguajar típico da região. Em um dos capítulos “A mudança”, Wanderley Torres relata a percepção do progresso e os primeiros impactos na vida das pessoas com a chegada do telégrafo e a inauguração do mesmo, visto com muita euforia e perplexidade a resposta de um telegrama lido em voz alta e com muita solenidade.

Hoje, na era pós-moderna, essa tecnologia já foi amplamente superada e a comunicação se dá por meios de aparelhos celulares e smartphone. Consequentemente, houve um impacto na vida e na maneira das pessoas se relacionarem.

A realidade das pessoas é o mundo virtual, as mensagens são enviadas e recebidas em um tempo nunca antes visto na história dos meios de comunicação. Sobre isso, Bauman fala com propriedade em seu livro “Amor líquido”:

Uma mensagem brilha na tela em busca de outra. Seus dedos estão sempre ocupados: você pressiona as teclas, digitando novos números para responder as chamadas ou compondo suas próprias mensagens. Você permanece conectado – mesmo estando em constante movimento, e ainda que os remetentes ou destinatários invisíveis das mensagens recebidas e enviadas também estejam em movimento, cada qual seguindo suas próprias trajetórias. Os celulares são para as pessoas em movimento. (Bauman, 2004, p. 79)

Nesse mesmo livro o autor fala da comunidade e da fragilidade dos laços sociais com o surgimento das redes sociais. “A ideia que permeia a metáfora de redes, é a de indivíduos em sociedade, ligados por laços sociais, os quais podem ser reforçados ou entrarem em conflito entre si” (Sonia Acioli, 2007) com um smartphone á mão as pessoas estão conectadas a tudo e a todos que não estejam fisicamente próximos. Mas, a conectividade elimina ou diminui o contato com as pessoas próximas.

Nota-se aqui uma ruptura na maneira das pessoas se comunicarem e se relacionar considerando que as redes sociais atribuíram um novo sentido na vida das pessoas. O próprio Bauman ao conversar com uma pessoa com compulsão pelo Facebook concluiu que o que ele (Bauman) chama de amigo, para seu interlocutor é alguém cujo relacionamento virtual pode ser desfeito a qualquer momento, sem culpa, sem mágoa e sem sentimento (Bauman, Cintia Alves)

Considere que estamos falando da diferença ou substituição dos laços por redes que durante a infância de Bauman ele alega nunca ter ouvido falar nesse conceito. Como consequência existe a possível extinção do que o autor chama de amigos e a ausência dos diálogos.

A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. Na rede, você se sente no controle. Você pode adicionar amigos, se quiser, você pode deletá-los, se quiser. Você controla as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se

sintam um pouco melhor, porque a solidão, o abandono, são os grandes medos nestes tempos de individualização.

Essa fala aponta a solidão como uma grande ameaça e consequência das redes sociais que nos aproxima de muitos, virtualmente falando, e nos incapacita de desenvolver habilidades sociais para um relacionamento mais genuíno e real. No artigo de Kimberly S. Young, (2011) relata que “em geral, os dependentes de internet têm dificuldade em formar relacionamentos íntimos com os outros e se escondem na anonimidade do ciberespaço para se conectar com pessoas de maneira não ameaçadora”. Percebe-se a importância de saber administrar os possíveis conflitos no mundo real (que pode ser um tanto inseguro), e que podem ser facilmente evitados nas redes. Isso trás certo conforto, pois, apesar das relações serem efêmeras, existe outras possibilidades de conectividade.

Há sempre mais conexões para serem usadas – e assim não tem grande importância quantas delas se tenham mostrado frágeis e passíveis de rupturas. O ritmo e a velocidade do uso e do desgaste tampouco importam. Cada conexão pode ter vida curta, mas seu excesso é indestrutível. Em meio a eternidade dessa rede imperecível, você pode se sentir seguro diante da fragilidade irreparável de cada conexão singular e transitória. (Bauman, 2004, p. 80)

No modo de existir de cada ser humano constituído de personalidade tão variável quanto nossas digitais sempre vai haver algo que nos agrada e cativa e, paradoxalmente, características que não nos provoca empatia. Nas redes sociais existe a possibilidade de selecionar, no mundo real devemos aprender a administrar as diferenças nos relacionamentos. A presença do outro, seja um familiar, seja um amigo, seja qualquer pessoa íntima, estabelece uma prova complexa. Administrar os atritos inevitáveis ao conviver com a diferença é um ato de maturidade. “Ser contrariado, questionado, posto em suspeição, rejeitado, desde que não seja a única experiência que conheçam, criam resiliência, moldam personalidade, caráter. O filtro bolha impede tudo isso.” (Leandro Karnal, 2018, p. 50).

Embora as redes sociais apresentem inúmeros benefícios, o autor enfatiza que os usuários não utilizam para se aproximar nem para ampliar seus horizontes. Buscam conectividade e visibilidade. Onde o que veem são reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas é, segundo Bauman, uma armadilha. Pois aos que se mantém a parte, os celulares permitem permanecer em contato.

Aos que permanecem em contato, os celulares permitem manter-se à parte. Partindo do princípio que o ser humano está se sentindo sozinho em meio a multidão e que as pessoas tem a necessidade que sua dor seja reconhecida, percebe-se a importância da escuta capacitada e habilitada.

Salomão A. Chaib, formado pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, entendendo a ciência como missão humana escreveu vários contos inspirados na experiência profissional. Em seu livro “E agora doutor” (1981) é relatado o caso de uma adolescente, Doralice, que tentou suicídio bebendo soda cáustica. A primeira cirurgia foram seis horas de trabalho, tentando salvar-lhe a vida. Quatro cirurgiões, dois litros de sangue, vários litros de soro. O tratamento todo durou seis meses de internação, quatro vezes operada, seis litros de sangue, muito mais do que possuía seu corpo, dias e noites de cuidados e dedicação de médicos e enfermeiras. Dois dias depois que teve alta, Doralice se suicidou. Perplexo, Salomão Chaib (1981) lamenta e se questiona sobre os conflitos desconhecidos de Doralice:

Perdão, Doralice. Na verdade eu estava cego. Preocupado com os males do corpo, esqueci seu espírito, mais doente ainda. Como pude descuidar-me das feridas da alma, se naquele dia, quando você se obstinava contra seus pais, traía seu sofrimento? É o eterno engano dos cirurgiões, que palpam tumores e não se lembram de que há um coração oculto vibrando em ânsia, sonhos e sofrimentos. (p. 17)

É no capítulo “A lição de Doralice”, que se inaugura, como porta de entrada, toda a filosofia de Salomão Chaib. Ele nunca mais, depois dessa operação, iria ligar para o corpo apenas. Existia uma vida cheia de histórias no corpo que ele esquecera tanto.

É possível observar informalmente como estas histórias estão sendo silenciadas com a perda da sensibilidade na modernidade líquida e o império do individualismo. Deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa e evitamos nos relacionar de forma mais íntima. Hoje, segundo Donskis (Bauman, 2014), o mal se revela com mais frequência quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso. Culminando em uma disfunção de alguns órgãos dos sentidos que se apresentam incapazes de perceber estímulos que em condições “normais” evocariam imagens, sons ou outras impressões.

Com a perda da sensibilidade, a escuta, não percebe nas entrelinhas da fala do outro as palavras não faladas e lágrimas represadas, resultando no que o coautor de Bauman, Leonidas Donskis, chama de cegueira moral. Percebe-se aqui que o mal é mencionado de maneira não muito evidente, não está confinada as guerras ou as ideologias totalitárias. “A verdade mais desagradável e chocante de hoje é que o mal é fraco e invisível” (Bauman, 2013, p. 17). Chegando a ser citado por Donskis como algo que está à espreita em cada ser humano normal e saudável e que assume a máscara da fraqueza sendo ao mesmo tempo a própria fraqueza.

Autores de personalidades filosóficas das redes sociais têm apontado argumentos que vão ao encontro dos de Bauman e que o grande interesse pelos vídeos e pelas falas destes autores (dado o grande número de visualizações) indica como esse tema tem interessado ao público. O Em um vídeo publicado no Youtube em 25 de março de 2015 de uma palestra do filósofo, escritor, educador, palestrante e professor universitário brasileiro, Mario Sergio Cortella, com o tema “morrer é ser esquecido”, o autor chama a atenção de pessoas que morrem em vida por serem banais, inúteis, fúteis e não fazem a menor falta. Enquanto o indivíduo estiver contigo na memória, na recordação, você continua vivo.

Note que essa fala torna mais evidente os patamares monstruosos da insensibilidade, Segundo os textos de Bauman não são mais necessário alguém ser banal ou inútil para ser esquecido, o fenômeno da insensibilidade permite nosso esquecimento deliberado do outro, a recusa proposital em reconhecer um ser humano de outro tipo, descartamos alguém vivo, real, e que está fazendo e dizendo alguma coisa bem ao nosso lado. Tudo em nome dos relacionamentos no faceboock cuja proximidade possivelmente irá se limitar no território virtual. Percebe-se o desejo de nos comunicar associado a uma alienação diante uma amizade simulada, imaginada e construída sem nenhum vínculo íntimo. Enquanto os próximos sofrem em silêncio.

Além disso, vivemos em uma sociedade de excessos. Somos bombardeados por informações que, na maior parte das vezes, não conseguimos absorver. Bauman reflete que na busca por certezas produzimos conhecimento e paradoxalmente o excesso de conhecimento trouxe muitas incertezas, que a educação deveria usar a tecnologia a seu favor, e não contra. (Bauman, 2015)

Daniel Goleman em seu livro “Inteligência Emocional” (1995) relata uma experiência que vivenciou em Nova York. Ao entrar no ônibus numa tarde de verão, Goleman foi surpreendido com a saudação que veio do motorista. O autor afirma que o motorista repetiu a mesma saudação com um largo sorriso no rosto com todos os passageiros, mal humorados e com visível desconforto, que iam entrando ao longo do percurso no denso tráfego do centro da cidade. As pessoas se surpreendiam, mas com o humor comprometido seja pelas condições climáticas, seja por outros motivos, poucos retribuía o cumprimento.

O motorista acentuou um animado comentário sobre o cenário em sua volta enquanto o ônibus transitava no centro da cidade: “havia uma liquidação sensacional naquela loja, uma exposição maravilhosa naquele museu, já souberam do novo filme que acabou de estreiar ali na esquina?” (Goleman, 2012, p. 21). Todos foram contagiados pelo sorriso e pelo prazer do motorista ao apresentar a riqueza de possibilidades que a cidade oferecia. Ao descerem do ônibus o inimaginável aconteceu, as pessoas já com um humor diferente de quando entraram, deram uma resposta sorridente ao motorista quando lhes dirigiu o sonoro “até logo, tenha um ótimo dia”.

Goleman chama a atenção para uma questão crítica. Quando ele entrou no ônibus naquela tarde, ele havia acabado de se doutorar em psicologia. Mas, segundo ele, a psicologia da época não dava muita atenção para uma alteração comportamental que ocorresse desse modo, pois a psicologia não conhecia muito acerca do mecanismo da emoção. Em uma reflexão, o autor imaginou os passageiros daquele ônibus propagando pela cidade aquele bem estar. “constato que aquele motorista era uma espécie de pacificador urbano, uma espécie de mago que tinha o poder de transmutar a soturna irritabilidade que fervilhava nos passageiros de seu ônibus, de amolecer e abrir corações”. (Goleman, 2012, p. 21-22)

Nota-se aqui a urgência de pessoas capacitadas e habilitadas em promover o bem estar através do diálogo. O presente artigo trouxe, entre outras coisas, as consequências estimuladas pelas redes sociais, enfatizando o individualismo, a solidão e a necessidade das pessoas de falar de si. Por não encontrarem “ouvidos” capacitados e dotados de sensibilidade para lhes escutarem, se sentem sozinhos em meio à multidão. Essa incapacidade de escutar ou perceber o outro foi colocado como a nova forma do mal, pois ser esquecido pode ser sinônimo de morrer para o outro ou não se sentir amado. Bauman (2004) pontuou que o que amamos em

nosso amor próprio são os eus apropriados para serem amados. O que amamos é o estado ou a esperança, de sermos amados. De sermos objetos dignos do amor, sermos reconhecidos como tais e recebermos a prova desse reconhecimento. Com isso, o autor está fazendo uma análise de um dos pensamentos mais conhecidos “amar o próximo na mesma proporção que você se ama”. Em suma:

Para termos amor próprio, precisamos ser amados. A recusa do amor – a negação do status de objeto digno de amor – alimenta a autoaversão. O amor próprio é construído a partir do amor que nos é oferecido por outros. Se na sua construção forem usados substitutos, eles devem parecer cópias, embora fraudulentas, desse amor. Outros devem nos amar primeiro para que comecemos a amar nós mesmo. (Bauman, 2004, p. 102)

A arte do diálogo: uma proposta para o sistema educacional

Essa fala nos faz perceber, agora por uma visão mais clara e evidente, a dimensão da solidão e angústia do homem moderno abandonado ou trocado por “amigos” virtuais. O relato do motorista de ônibus em Nova York nos dá sinais claros da importância de fazer o outro se sentir notado. Embora seja uma utopia tentar reverter a situação da modernidade líquida, mas esse exemplo trás a esperança de nos movimentarmos em direção a esses problemas líquidos com possíveis resultados que motivem comportamentos que exigem sensibilidade para perceber o outro.

A princípio, o amor próprio estimula as pessoas a tentar a todo custo lutar pela vida e se manterem vivos, a melhorar a aptidão física para tornar efetiva essa resistência (Bauman, 2004). Considerando essa afirmação e a perda da sensibilidade na modernidade líquida resultando na fragilidade dos laços humano, surgiu a ideia do projeto Ironia do Dialogo Psicológico, IDP.

A IDP inspira-se no método socrático, o pesquisador ciente de que não conhece o interlocutor utilizou o recurso do questionamento. Uma única pergunta pode conter o poder explosivo de mil respostas. Ao longo do diálogo o interlocutor relatava seus conflitos e externava seu modo de pensar, assim as pessoas entrevistadas podiam compreender seu modo de existir sem ser necessário impor nenhum juízo de valor. “Somente o conhecimento interior é a autentica compreensão”. (Jostein Gaarder, 2012, p. 80)

A princípio soa como algo desafiador, pois não se trata de um objetivo que consiste somente em cumprimentar as pessoas, o que já seria um feito inusitado. Vitória da Conquista é um município cujos costumes se aproximam de hábitos de cidade mais mecanizada. Segundo o IBGE, em 2018 já contava com 338.885 habitantes. Os textos de Bauman dialogam muito bem com os conflitos dessa sociedade, as pessoas caminham apressadas, introspectivas, com fones no ouvido e navegando em seus smartphones. Um “estranho” se aproximar das pessoas e tentar estabelecer um diálogo seria uma proposta desafiadora, porém os resultados de algumas experiências evidencia o quanto a arte do diálogo pode ajudar as pessoas ao mesmo tempo em que ficaram claro algumas consequências que a modernidade líquida trouxe.

No início, o autor e mentor do projeto encontrou dificuldades por falta de habilidades sociais para adequar a prática no contexto social. Contudo, verificou-se, com a evolução e adequação da prática um retorno satisfatório que reforçava o comportamento da proposta, os jovens abordados começaram a se envolver com a conversa de diversas formas.

Vamos apresentar impressões gerais de alguns encontros significativos. Os sujeitos trouxeram relatos que versavam sobre relacionamentos familiares, superação de dificuldades, confissões, falta de reciprocidade nos relacionamentos amorosos, dentre outros. Os conflitos sobre relacionamentos familiares foram os mais comuns. Problema vinculado a falta de compreensão nos diálogos com os pais; dificuldade de pertencer a uma família cujos pais são separados; confissões da vontade de sair da casa dos pais; ideação suicida por não se sentirem amados pelos pais (em alguns casos os adolescentes mostravam os pulsos mutilados). Foi observado que os adolescentes que mantinham uma boa relação com os familiares não falavam muito de si no projeto IDP, diferente dos oriundos de família conflituosa que encontrava no autor uma escuta capacitada para lhes compreender. Falas denunciando uma frustração com os relacionamentos e ao mesmo tempo tais dificuldades sendo interpretadas como experiência de vida e aprendizado.

A proposta IDP não consistia apenas na escuta, mas também em participar da conversa, entabular e conduzir um diálogo de forma agradável. Isso exigia do autor habilidade e um repertório de assuntos satisfatório para saber ouvir e falar. Os conteúdos da teoria de Bauman eram os mais pertinentes nas conversas, sendo solicitado por algumas pessoas para

fazer a leitura. A conversa em si proporcionava aos entrevistados um entusiasmo e foi solicitado pelos mesmos que continuasse com o projeto IDP.

Uns se sentiram tão motivados com a conversa que enviaram solicitações de amizade pelo facebook ao autor. Foram solicitados aos mesmos um retorno com suas impressões sobre a abordagem e os detalhes que lhes chamaram a atenção. Um dos entrevistados foi Lucas³, na data 25/05/2017 às 20h34min. Pelo facebook. Seu relato foi com base em um encontro com ele e mais três adolescentes:

No primeiro instante, achei interessante o ato da espontaneidade de se apresentar assim, apenas para socializar o que demonstra um ótimo carisma ou a tentativa de desenvolver o mesmo. Depois, ao saber que és estudante de psicologia, animei-me em saber que mais alguém ali gostava de entender um pouco da mente humana e seus inúmeros mecanismos fascinantes, o que já me fez pensar em vários assuntos para conversar. No desenrolar dos primeiros minutos, percebi que a Débora tinha uma necessidade muito grande de se expressar, mas que não o fazia porque não encontrava alguém que julgava capaz de entender o que se passava dentro dela, mas que ia se abrindo aos poucos para você por justamente ser capaz de entender, o que me fez conter minha ânsia e observar atentamente o segmento da conversa. Ao perceber os níveis de profundidade que a conversa estava alcançando, notei bem que o nível de intimidade verbal evoluiu rápido demais para uma conversa comum e que faltava muito pouco para um dos integrantes contar uma história bem peculiar da própria vida, o que me deixou com certo receio, afinal, na maioria das vezes, o enredo da história não é um “mar de rosas sem espinhos”, mas, mesmo assim, considerei a todo momento que era extasiante, afinal, amo conhecer novas pessoas, novas histórias, novas culturas e coisas do tipo, afinal, coleciono memórias, até de outras pessoas. Enfim, resumindo, achei uma experiência ótima e divertida, além de também ser muito interessante.

Entre tantos encontros significativos, um marcou o projeto IDP. Em um diálogo com uma adolescente no ônibus, o pesquisador lhe falava dos conflitos entre as famílias e o adoecimento psíquico que resultava desses atritos entre pais e filhos. De poucas palavras, ela fitou seu olhar no pesquisador demonstrando perplexidade com a fala do mesmo. No final da viagem, ao despedir, ela solicitou o número para contato. No segundo encontro (que ela mesma marcou), fez confidências dos seus conflitos e de quanto foi importante a conversa do projeto IDP no ônibus, segundo a adolescente: “Se existe Deus, foi Ele que colocou você em minha vida aquele dia, pois eu estava voltando pra casa para me suicidar”.

³ Para preservar a identidade do (a) entrevistado (a) foi utilizado um nome fictício.

Ficou evidente que os sujeitos são capazes de se sensibilizar em múltiplos sentidos ao falar de suas questões e admitem estabelecer o diálogo com o pesquisador mesmo estando inserido em uma sociedade que favoreceria a insensibilidade, o que mostra a importância de um diálogo significativo para o sujeito mesmo na modernidade líquida, sendo a IDP uma possibilidade de recurso a ser usado para facilitar essa sensibilização.

Com a experiência da prática, o idealizador do projeto IDP propõe promover a cultura do diálogo em outras instâncias com a possibilidade de reconstruir o tecido social. A cultura do diálogo implica um autêntico aprendizado e nos ajuda a reconhecer o outro como um interlocutor com seus segredos e complexidade. O diálogo sensível e sensato possibilita compreender as diferenças e um olhar para um sujeito a ser escutado, considerado e apreciado. É urgente envolver todos os atores sociais na promoção de uma cultura que privilegie a arte do diálogo como forma de encontro significativo.

Nesse mesmo artigo de Bauman “A arte do diálogo é a nossa revolução” ele chama a atenção para a importância de inserir a cultura do diálogo em todos os percursos escolares como eixo transversal das disciplinas e como ferramenta para encontrar soluções mais humanas e eficazes dos conflitos.

Referências

BAUMAN, Z. **A arte do diálogo é a nossa revolução**. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/eventos/567564-a-arte-do-dialogo-e-a-nossa-revolucao-artigo-de-zygmunt-bauman>. Acesso em: 10 de Abril de 2019.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. & DONKIS, L. **Cegueira Moral: A perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

CHAIB, Salomão A. **E agora doutor?** Edição: Jornal Almanara, São Paulo, 1981.

GOLEMAN, Daniel, ph.D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. Ed. 1. São Paulo: Companhia de Letras, 2012.

Karnal, Leandro. **O dilema do porco-espinho: como encarar a solidão**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

KIMBERLY S. Young, XIAO Dong Yue e LI Ying. **Estimativas de prevalência e modelos etiológicos da dependência de internet**. Edição: Artmed, 2011. Disponível em: https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_71.pdf

Morrer é ser esquecido. Mario Sergio Cortella. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DR3fb1_Gb44&t=202s. Acesso 08 de Abril de 2019.

ACIOLI, Sonia. **Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito**. Londrina, 2011, p. 3. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/11334>

TORRES, Luís Wanderley. **Nordeste pitoresco e divertido**. Ed. São Paulo: EDICON, 1984.